

CONTRIBUIÇÃO DA REFORMA PROTESTANTE NA EDUCAÇÃO DO BRASIL HOLANDÊS (1555-1650)

Daniela Almeida Couto¹

RESUMO

A Reforma Protestante, iniciada em 1517, repercutiu não apenas no continente europeu. Entre 1555 e 1630 grupos protestantes desembarcaram no Brasil colônia com o objetivo de se dedicar ao ensino da Bíblia e segundo a visão protestante, restaurar a religião cristã ao seu estado original de pureza. Investigar, como se deram as relações entre colonizados e protestantes, pode trazer à luz qual tipo de contribuição foi dada à educação deste período. A pesquisa procurou descrever as origens e o alcance da Reforma Protestante, conhecer a sociedade e a educação do Brasil colônia e identificar o processo de interação entre colonos e protestantes no sistema educacional. Nas leituras foi possível identificar ações educativas diferenciadas e contribuições do governo do Conde Maurício de Nassau quando ocorreu um florescimento da cultura, botânica e artes no Nordeste brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: REFORMA PROTESTANTE. EXPANSIONISMO. BRASIL COLÔNIA. EDUCAÇÃO.

ABSTRACT

The Protestant Reformation, begun in 1517, had repercussions not only on the European continent. Between 1555 and 1630 Protestant groups landed in colonial Brazil with the aim of dedicating to teaching the Bible and, according to Protestant view, restoring Christian religion to its original state of purity. Investigate how the relations between colonized and Protestants took place can bring to light what kind of contribution was given to education in this period. The research sought to describe origins and scope of the Protestant Reformation, to know society and education of colonial Brazil and to identify process of interaction between colonists and Protestants in the educational system. In the readings, it was possible to identify differentiated educational actions and contributions from the government of Count Maurício de Nassau when there was a flowering of culture, botany and arts in the Brazilian Northeast.

KEYWORDS: PROTESTANT REFORMATION. EXPANSIONISM. BRAZIL COLONY. EDUCATION

¹ Pós Graduada em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (FABAT/STBSB). Graduada em História (UNINTER). Bacharel em Teologia (FAETAD). Graduada em Pedagogia (UNIRIO).

INTRODUÇÃO

Sabendo que a Reforma Protestante não ficou restrita ao continente europeu, mas rompeu fronteiras chegando ao novo mundo, a presente investigação procura compreender como se deram as relações entre os colonizados do Brasil e os protestantes estrangeiros. Pretende, igualmente, assim, trazer à luz qual tipo de contribuição que a perspectiva protestante trouxe à educação no período colonial brasileiro, uma vez que um dos pontos que a Reforma buscava era disponibilizar a educação para todos como forma de reduzir a desigualdade social e tornar a leitura da bíblia acessível a todos.

A motivação para desenvolver tal investigação deve-se ao fato de que a Reforma Protestante discutiu não somente sobre as práticas abusivas da Igreja Católica, mas também a educação e a sociedade de sua época. A educação foi um ponto chave, uma vez que a sociedade europeia se dividia entre letrados e pessoas comuns. Os reformadores visavam mudar esse quadro com uma nova perspectiva, mais integradora e procurando o desenvolvimento intelectual e pessoal do cidadão comum.

O objeto da investigação é a educação no Brasil, entre 1555 e 1650. O expansionismo marítimo² trouxe os Jesuítas ao país e com eles seu modelo de educação que visava angariar adeptos ao catolicismo e trabalhadores mais dóceis para as lavouras. Eles alfabetizavam através da catequese. Entretanto, a historiografia mostra que muito antes da chegada da corte portuguesa, em 1808, abrindo os portos para as nações amigas e provocando grandes mudanças, os protestantes estrangeiros que aqui estiveram entre 1555 e 1650 – por meio do protestantismo de invasão –, implantaram ações que visavam não somente a exploração ou mesmo ganhar novos adeptos, mas, também, instigavam o desenvolvimento educacional e intelectual da sociedade colonial brasileira.

Assim, justifica-se esta investigação, afinal, espera-se que se possa conhecer os primórdios de nossa educação, não somente pelo viés dos Jesuítas e dos Portugueses, sempre presentes nos livros didáticos, mas também reconhecer possíveis contribuições que outros povos deixaram em nossa educação e compreender um capítulo de nossa história pouco difundido, especialmente no Nordeste, onde se verificou um florescer da cultura e das artes através do governo de Maurício de Nassau e ações diferenciadas tomadas pelos protestantes holandeses em seu contato com a cultura indígena. Além disso, é importante verificar que o início da educação no Brasil colonial foi marcado pelo viés exploratório, visando à dominação

²Expansionismo marítimo: movimento dos países europeus, a partir do século XVI, que visava o acesso aos mercados orientais e a expansão territorial para além da Europa.

dos nativos. Entretanto, ocorreram intervenções que tinham por objetivo a troca de experiências entre colonizados e colonizadores proporcionando conhecimento de outras culturas em ambos os lados.

O objetivo geral da pesquisa é investigar se a educação do Brasil colonial no período recebeu contribuições do protestantismo. Como objetivos específicos desenvolvidos na pesquisa temos: demonstrar as origens e o alcance da Reforma Protestante, apontar o contexto educacional e social do Brasil colonial e discorrer sobre as contribuições do protestantismo na educação do Brasil colonial.

O artigo em questão se fundamenta em uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória com a modalidade qualitativa, e visa trazer à discussão um tema de interesse da sociedade, respeitando a subjetividade individual do pesquisador e dos autores das referências elencadas. Afirmam Lüdke e André que “ao realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas e o conhecimento teórico acumulado sobre o tema”³.

Diante disto, a metodologia escolhida para a pesquisa foi a bibliográfica, que de maneira nenhuma é aleatória ou fácil de realizar. Conforme afirmam Lima e Miotto, este tipo de pesquisa é:

[...] um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.⁴

A pesquisa bibliográfica apresenta-se com o parâmetro temático focado na relação da Reforma Protestante com a educação no período colonial brasileiro. As principais fontes pesquisadas foram livros, teses, artigos, entre outros que versam sobre a Reforma Protestante, o período colonial brasileiro e como se dava a educação no período referenciado. O referencial teórico da pesquisa está apoiado em autores como: Holanda (1972), Silva e Lima (2016), Lobo e Portella (2017), Lindberg (2017), entre outros.

O artigo divide-se em três seções como segue:(1) Origens e alcance da Reforma Protestante discute como ela – a Reforma – influenciou não somente a religiosidade, mas

³LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, p.1.

⁴LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004> Acesso em: 18.fev.2020, p.44.

também a educação, que na época era destinada somente a elite e ao clero. Os reformadores por sua vez queriam a população alfabetizada para que pudessem ter acesso a Bíblia e ao desenvolvimento intelectual. Diante de tais pretensões, o alcance da Reforma Protestante foi para além do continente europeu, e chegou às Américas onde causou profundas transformações; (2) A sociedade e educação no Brasil holandês, que demonstra a liderança de Portugal e Espanha no expansionismo ultramarino. No Brasil, portugueses desembarcam em 1500, mas é a partir de 1549 que a metrópole estabelece o primeiro governo-geral. A colônia, desde seu nascedouro, foi intensamente explorada e pouco foi feito para desenvolver a economia e a sociedade, exceto para os grandes proprietários de terra, marca da sociedade do início da colonização. Na educação, os Jesuítas fundaram escolas que visavam apenas à alfabetização dos índios; o ensino formal era destinado para os filhos de colonizadores ou para formação de novos padres; (3) A Reforma Protestante e a educação no Brasil holandês pontua as ações realizadas pelos protestantes holandeses, mais especificamente no Nordeste, em seu contato com a cultura indígena e o desenvolvimento da cultura e das artes durante o governo de Maurício de Nassau.

1 ORIGENS E ALCANCE DA REFORMA PROTESTANTE

Foi na manhã de 31 de outubro de 1517 que o monge e teólogo Martinho Lutero decidiu iniciar um debate público afixando na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg suas 95 teses. Suas teses traziam à baila a discussão sobre algumas das práticas correntes da Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo com seus argumentos, tais práticas iam contra o que estava preconizado na Bíblia. Como exemplo, emergiu o debate sobre a salvação pela fé e não por meio do exercício de boas obras. A venda de indulgências estava a todo vapor e trazia em seu bojo duas necessidades: a primeira era a de suprir os gastos da Igreja com suas suntuosas construções, como a Catedral de Speyer na Alemanha e a Basílica de São Pedro, na Itália, e a segunda era a de trazer conforto à consciência do povo ao saber que, pagando suas indulgências, a salvação do inferno, tanto de sua alma quanto de seus entes queridos, estava garantida. Lutero não foi o primeiro a questionar as práticas da Igreja Romana conforme demonstra Lobo e Portella:

Entre os séculos XII e XIV, muitos foram os movimentos de contestação à Igreja Católica considerados heréticos. Seus líderes e seguidores foram perseguidos e mortos com o aval ou ordem de autoridades eclesiásticas. Dentre esses movimentos, dois tiveram maior intensidade, provocando reação

por parte da Igreja: os valdenses e os cátaros.⁵

Ambos os movimentos tiveram início na França entre os séculos XII e XIII. Os valdenses pregavam o total desapego material como forma de viverem o Evangelho em sua essência, o batismo de adultos, a confissão mútua, além de não aceitarem os sacramentos ministrados pelo clero por este também estar em pecado. Os cátaros, influenciados pela leitura dos escritos dos primeiros cristãos e pelas religiões orientais, também pregavam o desapego material, a renúncia dos desejos carnisais, entre outros dogmas contrários à Igreja. Tais movimentos foram duramente perseguidos e seus seguidores mortos, especialmente após a instituição oficial do Tribunal do Santo Ofício em 1231, pelo qual a perseguição, tortura e morte foram oficializadas pela Igreja contra todo aquele que era considerado infiel.

O Tribunal do Santo Ofício deixou marcas profundas entre os intelectuais católicos que começam a questionar suas práticas; entre eles, temos John Wycliffe e Jan Huss. Wycliffe, doutor em Teologia pela Universidade de Oxford, defendia que a Igreja deveria voltar às Escrituras e ao ensino da igreja primitiva. Além disso, traduziu a Bíblia do latim para o inglês. Huss, professor da Universidade de Praga, além de corroborar as ideias de Wycliffe, também agia com pretensões políticas, pois, seus seguidores desejavam a independência da Boêmia. Dos dois, somente Huss foi morto na fogueira, mas seus ensinamentos ecoaram longe e não detiveram o movimento que a cada dia ganhava novos adeptos até a chegada do ano de 1517.

Lutero não imaginava que seu ato ecoaria de forma tão intensa na história de outros povos. Afinal, ele não queria romper com a Igreja Romana, mas queria ver uma igreja mais próxima das Escrituras Sagradas e das necessidades do povo. Ele desejava uma Igreja não achacando a população em nome da salvação por meio da venda cruel e exacerbada das indulgências. Como essa mudança não acontecia, Marshall expõe que:

Lutero ia chegando a uma conclusão importante – se a Igreja e o papa não podiam ou não queriam reformar um franco abuso como eram as indulgências, devia haver algo errado em toda a estrutura da teologia e da autoridade. Fazia alguns anos que Lutero alimentava dúvidas sobre os complexos mecanismos rituais para adquirir “mérito” diante de Deus e começava a achar que bastaria apenas a fé para a salvação.⁶

Diante de suas conclusões, ele defendeu, de forma veemente na Universidade de Leipzig,

⁵LOBO, Andrea Maria Carneiro; PORTELLA, José Roberto Braga Percursos da História Moderna. 1. Ed. Curitiba: Intersaberes, 2017, p.71.

⁶MARSHALL, Peter. Reforma Protestante Uma breve introdução. 1. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2017, p.25.

as Escrituras como única fonte infalível de autoridade religiosa, o que veio a causar sua excomunhão pelo papa Leão X em 1520. Com tal atitude, estavam lançados os pressupostos do movimento da Reforma Protestante. Contando com a contribuição de outros reformadores, pilares foram estabelecidos e mais tarde foram comumente chamados de cinco Solas: Sola Scriptura (Somente as escrituras), Sola Fide (Somente a Fé), Solus Christus (Somente Cristo), Sola Gratia (Somente a Graça) e Soli Deo Gloria (Somente a Deus a Glória).

Lutero, então, começa a publicar vários panfletos, criticando a Igreja e os seus dogmas. Essas publicações se espalharam pela Europa e encontram eco nos corações desejosos de saírem das garras dos vendedores de indulgências. Além disso, Lutero traduz a Bíblia do latim para o alemão que, como tal, foi amplamente difundida, principalmente devido a facilidade que a imprensa proporciona por estar localizada nos grandes centros urbanos.

Ao longo do tempo a Reforma se fortalece na Alemanha e minirreformas começam a se espalhar pela Europa, o que vai iniciar uma série de mudanças na sociedade, no desenvolvimento da educação, na liturgia e em ações que visavam o bem estar social. Na liturgia, as celebrações passam a acontecer na língua do povo e não mais no latim. Há ainda a remoção das imagens religiosas por alguns movimentos iconoclastas, a abolição do celibato e do batismo de crianças (este último apenas entre os reformadores radicais). Entre outros aspectos, a Igreja passava a ser uma comunidade que deveria expressar sua fé apenas na prática dos ensinamentos contidos nas Escrituras.

Obviamente, temos expoentes como Zwinglio na Suíça, que já pregava o “Evangelho de Cristo” desde 1516; o rei Gustavo Vasa, em 1527, torna a Igreja da Suécia independente de Roma; Cristiano III na Dinamarca, em 1536 e em 1537, na Noruega, reino vassalo da Dinamarca, também adota a teologia de Lutero e João Calvino, em Genebra, onde vai não somente reformar a Igreja, mas também os costumes sociais.

A educação escolar, por sua vez, vai receber um forte apoio dos reformadores, pois para eles todos deveriam saber ler para terem acesso não somente às Escrituras, mas principalmente para o desenvolvimento pessoal, a promoção do bem estar e a redução das desigualdades sociais. Na idade média a educação estava vinculada às escolas monásticas e era exclusiva para a formação do clero e da elite. De acordo com Lindberg essa relação da Igreja com a educação promovia duas atitudes:

A primeira era de que Igreja contribuía com a desigualdade social ao limitar o acesso à educação àqueles que entravam para o ministério ou prática de profissões específicas (pairava um sentimento de que a sociedade estava dividida entre eruditos e “pessoas comuns”). A segunda atitude era que a educação era uma perda de tempo, a menos que alguém exercesse cargo

eclesiástico, direito ou medicina. [...] Lutero se opunha a ambas as posições, sustentando que serviço a Deus e ao próximo exigia uma população educada.⁷

Após a reforma as escolas vão se multiplicar e desenvolver-se cada vez mais, atendendo meninos e meninas de todas as classes, especialmente nos países onde a Reforma Protestante foi acolhida.

Evidentemente a Igreja Católica não ficaria inerte a todo esse movimento. Após o Concílio de Trento, realizado entre os anos de 1545 e 1563, ela inicia o movimento de Contrarreforma. Neste concílio, de acordo com Lobo e Portella, a Igreja estabelece como principais resoluções:

A manutenção dos sete sacramentos, afirmação de que a salvação se daria tanto pelas obras quanto pela fé, reativação do Tribunal do Santo Ofício [...] a defesa de que a Igreja Católica seria a única religião capaz de interpretar as verdades divinas presentes na Bíblia, oficialização da Companhia de Jesus [...]. Os membros dessa ordem – chamados jesuítas – estavam comprometidos com a expansão do catolicismo, inclusive – e sobretudo – fora da Europa [...] e proibição da venda de indulgências.⁸

Após a instituição da Contrarreforma, iniciam-se vários conflitos internos na Europa entre protestantes e católicos, que vão culminar na Guerra dos Trinta Anos. A guerra vai causar a morte de milhares de pessoas e trazer não somente prejuízos pessoais, mas também financeiros. Nesse clima de tensão e perseguição, tanto católicos quanto protestantes veem no expansionismo ultramarino a saída para expandir seus domínios, bem como uma oportunidade de implantar seus ensinamentos no novo mundo e granjear novos fiéis, aumentando, assim, sua área de influência.

Desta forma, vamos verificar a vinda de protestantes europeus para as Américas a partir do ano de 1555. No Brasil temos a chegada dos franceses, no Rio de Janeiro, e Holandeses, no Nordeste. Contudo, ambos os grupos não conseguem sobrepujar o domínio português em terras brasileiras. De forma oposta, em 1620 um forte grupo oriundo da Inglaterra se instala no Norte do Continente Americano, formando as 13 colônias que mais tarde tornar-se-iam os Estados Unidos da América e em 1625 franceses vão para o Haiti.

2 A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO NO BRASIL HOLANDÊS

Portugal, que era um país essencialmente mercantilista, foi um dos primeiros a ter um governo absolutista e precisava melhorar seu desempenho no comércio internacional.

⁷LINDBERG, Carter. História da Reforma. 1. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p.159.

⁸LOBO, Andrea Maria Carneiro; PORTELLA, José Roberto Braga., op.cit., p.92.

Deixando, assim, de depender de ingleses e italianos que dominavam o comércio das especiarias vindas do Oriente. Diante deste quadro, em 1415, a política de expansão ultramarina é inaugurada por D. João I, ao enviar uma expedição à Ceuta, na região do Algarve. Daí em diante, a expansão alcançou a Ilha da Madeira em 1418, Açores em 1431, passagem pelo Cabo Bojador em 1434, exploração da Costa Africana entre 1433 e 1460, Ilhas do Cabo Verde em 1460 e finalmente o Brasil em 1500. Neste intenso período de expansão, Portugal inicia o uso de mão de obra escrava vinda da África e, também, consegue comercializar a maior parte das especiarias para abastecer o mercado português.

Pedro Alvarez Cabral desembarca no Brasil em 1500 com sua frota. Ele é recebido amistosamente pelos povos da terra e celebra a primeira missa com a presença dos nativos, apesar de inicialmente não conseguirem se comunicar. Pero Vaz de Caminha redige sua famosa carta, descrevendo a nova terra encontrada, enfatizando sua beleza natural e não mencionando sobre as possíveis riquezas, pois os povos indígenas não apresentaram à Cabral nenhum indício de que havia ouro ou pedras preciosas na terra. Posteriormente, ocorreram mini expedições ao Brasil, especialmente para a exploração desenfreada do Pau-brasil, árvore descoberta na costa brasileira que servia de matéria-prima para a fabricação de móveis, navios e tinturas, conforme relata Probst,

No entanto, outras pequenas frotas foram enviadas [...] para a exploração do território brasileiro. Assim foi descoberto o pau-brasil [...]. As feitorias foram estabelecidas no Brasil justamente para a exploração dessa árvore. Os exploradores utilizavam-se de mão de obra indígena. A exploração de pau brasil era bem rudimentar, com objetivos unicamente exploratórios. Enquanto os portugueses esgotavam o pau-brasil, não houve interesse por parte da Coroa Portuguesa, em colonizar o Brasil.⁹

Ao se esgotar o Pau-brasil da costa brasileira e diante de possíveis invasões estrangeiras, em 1532 a Coroa Portuguesa autoriza a fundação da primeira colônia – São Vicente– e inicia o processo das Capitânicas Hereditárias, dividindo o Brasil em 15 regiões. Entretanto, esse processo não auxiliou na colonização do país, pois as capitânicas estavam distantes entre si e sujeitas a revolta de índios.

Hollanda, escrevendo sobre o início da colonização brasileira nos diz que esta

se iniciou com fundação de vilas e cidades em pontos privilegiados da costa brasileira. Tais aglomerados redundaram na criação de pequenas áreas agrícolas, em seus arredores, destinadas ao abastecimento imediato das populações. Assim se fizeram as primeiras experiências agrárias,

⁹PROBST, Melissa. História da América da Era Pré-colombiana às Independências. 1. Ed. Curitiba: Intersaberes, 2016, p. 172.

introduziram-se as primeiras plantas cultivadas, os primeiros lotes de gado, animais de montaria e de alimentação, aves de pequeno porte. Engenhocas rústicas foram construídas para moer cana-de-açúcar esboçando-se o embrião dos primeiros engenhos açucareiros. Alianças com agrupamentos indígenas fortaleceram aqui e ali o esquema da vida colonial enquanto que os jesuítas encarregados da catequese se constituíam no elemento moderador [...].¹⁰

O quadro apontado por Holanda nos remete a uma das principais características que vai se fortalecer na sociedade do período colonial brasileiro, isto é, o início da grande propriedade rural e a educação centralizada nas mãos da Igreja Católica, através da figura dos jesuítas.

A marca social do período colonial é a grande propriedade rural, onde o senhor dono do engenho é o patriarca que governa com extremo rigor sua família, negócios, escravos e até mesmo parentes e famílias próximas ao clã. Moreira e Meucci vão estabelecer que “os fundamentos da família patriarcal se assentavam no seguinte tripé: dominação masculina, regime de escravidão e economia agrária baseada na monocultura de exportação”¹¹. A vida social gira em torno das grandes propriedades, fosse elas a casa-grande no Nordeste, a sede da fazenda no interior paulista ou a estância no Sul, e de suas famílias que vão se enriquecendo com a exploração da terra.

A cana-de-açúcar, a monocultura exportadora, se torna, por um bom tempo, a grande fonte de riqueza para muitos, desenvolvendo de maneira especial o Nordeste. O Sudeste começará a se desenvolver a partir de 1711 com a descoberta de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais. Mais uma vez, a característica exploratória da Coroa Portuguesa salta aos olhos de todos.

A influência da família patriarcal vai além das fronteiras da propriedade e alcança a esfera política, dominando-a através da figura do coronel, a quem todos devem obedecer, e também das relações de trabalho, pois se constitui numa relação pessoal que não garante nenhum direito ao empregado.

Em 1549 estabelece-se o primeiro governo geral do Brasil e com ele chegam os jesuítas com dois objetivos: fazer missões e educar. Os jesuítas organizam dois tipos de modelos educacionais: as casas de bê-á-bá para atender as crianças indígenas e mamelucas e as escolas para formar futuros padres e atender aos filhos dos colonizadores. Mais tarde as casas de bê-á-bá também vão atender alguns escravos que seriam utilizados nas casas dos senhores.

Probst, citando Ribeiro, relata sobre a ação dos jesuítas na colônia no quesito religioso e

¹⁰HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). A Época Colonial Tomo I – Do Descobrimento a Expansão Territorial. v. 1 4. ed. São Paulo: Dife, 1972, p. 69

¹¹MOREIRA, Claudia Regina B. S.; MEUCCI, Simone. História do Brasil Sociedade e Cultura. 1. Ed. Curitiba: InterSaberes, 2012, p. 15

educacional

a catequese, do ponto de vista religioso, interessava à Companhia como fonte de novos adeptos do catolicismo, bastante abalado com o movimento da Reforma. Ao analisar-se o primeiro plano educacional, elaborado pelo padre Manoel da Nóbrega, percebe-se a intenção de catequizar e instruir os indígenas como determinavam os “Regimentos”; percebe-se também a necessidade de incluir os filhos dos colonos, uma vez que naquele instante eram os jesuítas os únicos educadores de profissão que contavam com significativo apoio real na colônia.¹²

Portanto, é perceptível que o objetivo da educação dos indígenas era o de formatá-los e adequá-los às necessidades dos colonizadores ao mesmo tempo em que estabelecia a religião cristã. Não havia um real interesse em trazer conhecimento que poderia transformar a vida dos indígenas. Paiva enfatiza que “o proposto pela pedagogia jesuítica era a prática das virtudes, o amor nas virtudes sólidas”¹³. Constatamos, portanto, que os fundamentos religiosos estavam intrinsecamente conectados às práticas pedagógicas.

3 A REFORMA PROTESTANTE E A EDUCAÇÃO NO BRASIL HOLANDÊS

O modelo da educação jesuítica, pautado nas casas de bê-á-bá e nas escolas, perdurou por quase dois séculos na colônia sem qualquer tipo de mudança, pois, não havia um real interesse da coroa em estabelecer um sistema educacional efetivo no Brasil.

Holanda escreve que “no Brasil, em fevereiro de 1557, aportaram os zelosos calvinistas vindos de Genebra”¹⁴ que foram acolhidos na colônia França Antártica localizada na Ilha da Guanabara. Silva e Lima também informam que “holandeses protestantes chegaram ao Nordeste entre 1630-1654”¹⁵. Pelo que consta, entre outros objetivos, a intenção de ambos os grupos era a de estar numa nova terra onde poderiam se dedicar ao ensino da Bíblia e à restauração da religião cristã ao seu estado original de pureza.

Silva e Lima informam algumas ações, pontuadas pela historiografia, para que houvesse a conversão dos índios e a consequente expansão do protestantismo:

O uso dos referenciais teológicos e antropológicos que se aproximam do modelo religioso comum dos indígenas; O intercâmbio de indígenas para a França e a Holanda a fim de esquecerem a sua língua e facilitar para os novos

¹²apud PROBST, Melissa., op.cit., p.185.

¹³Apud GONÇALVES, Nadia Gaiofatto Constituição.Histórica da Educação no Brasil. Curitiba: InterSaberes, 2012, p. 64.

¹⁴HOLANDA, Sérgio Buarque de., op.cit., p.155.

¹⁵SILVA, Drance Elias da; LIMA, Wellcherline Miranda. De Lutero aos povos indígenas: movimento protestante no Brasil. Revista de Teologia e Ciências da Religião Universidade Católica de Pernambuco.Recife, v. 6, n. 2, p. 379-396, jul./dez. 2016, p.382

conhecimentos, ou seja, a educação cristã protestante; Criação de internatos para as crianças indígenas para distanciar das religiões do seu povo; Os aldeamentos, criados pelos católicos jesuítas, também foram implementados pelos colonos franceses e holandeses que facilitaram a introdução à educação cristã protestante, evitando grandes deslocamentos e garantindo a morada para atender às regiões adjacentes.¹⁶

Dessas ações podemos destacar como prática pedagógica diferenciada a criação de internatos e o intercâmbio. Um exemplo de intercâmbio foi à viagem de seis índios potiguaras para os Países Baixos com a finalidade de aprenderem a ler e escrever e serem instruídos na religião cristã reformada. É claro que, para as lideranças indígenas, essas ações não eram bem vistas, pois na cultura indígena a criança deve ser criada e educada na aldeia com os anciãos. Esse índio que iria para o intercâmbio ou para o internato voltava praticamente sem referenciais de sua cultura.

Entretanto, isso não impede que percebamos tais ações como inovadoras para uma colônia que não tinha nenhum tipo de incentivo por parte de sua metrópole em desenvolver seus habitantes no âmbito educacional. É interessante notar que tais práticas podem ser vistas até hoje em nosso sistema educacional por meio do projeto CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), elaborado por Darcy Ribeiro para o Estado do Rio de Janeiro nos anos 80, que compreendia o sistema de internato e que o Governo Federal disponibiliza através de programas específicos de intercâmbio entre estudantes universitários em diversos países.

A prática, entretanto, que obteve mais sucesso junto às comunidades indígenas foi do aldeamento, introduzida primeiramente pelos padres católicos. Nesta prática o missionário protestante fixava residência próxima à aldeia e interagia com a população. Nessa dinâmica, havia troca de experiências e as antigas tradições começaram a dialogar com novas leituras das práticas sociais trazidas pelos protestantes. Conforme aponta Silva, até hoje é possível verificar essa influência no âmbito de algumas comunidades indígenas:

os aldeamentos e as relações interétnicas proporcionaram a inserção de novos elementos culturais e religiosos nos povos indígenas [...] Como foi visto os atuais povos indígenas em Pernambuco e no Nordeste, são resultados de deslocamentos de grupos nativos que foram concentrados em missões religiosas, e que devem ser compreendidos no quadro amplo das relações do mundo da Colonização portuguesa. Os aldeamentos, todavia, não representaram o fim dos grupos indígenas, mas novas possibilidades de reelaborações de suas expressões culturais e da identidade étnica.¹⁷

¹⁶SILVA, Drance Elias da; LIMA, Wellcherline Miranda., op.cit., p.386.

¹⁷apud. SILVA, Drance Elias da; LIMA, Wellcherline Miranda., op.cit., p.387.

A Igreja Reformada Holandesa implantada no Brasil, através de seu Presbitério do Brasil, não se preocupava apenas com a pregação da Bíblia, mas também com a alfabetização dos indígenas e sua consequente educação social. O Presbitério era composto de três ministérios: o ministério da pregação, o da educação e o da literatura. O ministério da educação visava à formação de professores indígenas locais. Schalkwijk aponta que “João Gonsalves e Melchior Francisco foram os primeiros professores indígenas da América do Sul e que recebiam um salário mensal”¹⁸.

O ministério da literatura preocupou-se em trazer a mensagem bíblica para a língua local e não somente no português. Foi elaborado um breve catecismo em tupi, português e holandês que após muitas controvérsias entre o governo holandês e a missão no Brasil foi finalmente implantado.

Além dessas experiências, muito antes de D. João e a família real virem para o Brasil em 1808, podemos elencar também os feitos de Maurício de Nassau, holandês protestante, que governou o Recife entre 1637 e 1644, ao estimular a educação e a cultura através da criação de zoológico, jardim botânico e observatório astronômico. Levy conta sobre esse importante período da história colonial do Brasil:

Sob o governo de Nassau floresceu uma intensa atividade intelectual e, pela primeira vez, foi criado um interesse voltado para a ciência e cultura. Artistas, botânicos, médicos procuraram desvendar os segredos e a beleza da região. A participação dos cristãos-novos na criação dessa nova vida cultural foi única e pioneira na América colonial.¹⁹

Portugal volta a reinar absoluto no Brasil e, em 1654, expulsa os holandeses e determina que a religião oficial da colônia é o catolicismo romano. Novas entradas de protestantes vão ocorrer apenas a partir de 1808 com a vinda da família real e o estabelecimento de novas ações missionárias no período imperial no século 19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lutero não fazia ideia da revolução que suas teses causariam e o impacto que elas teriam não somente na Alemanha, mas em todo o mundo conhecido e o novo mundo que se apresentaria com a expansão ultramarina.

A influência da reforma na educação colonial, ainda que através de ações simples como

¹⁸SCHALKWIJK. Frans Leonard. Igreja e Estado no Brasil Holandês. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p.103.

¹⁹ LEVY, Daniela Tonello. “Judeus e Marranos no Brasil Holandês – Pioneiros na Colonização de Nova York” (Século XVII). 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008, p.14.

o intercâmbio, o aldeamento e o internato, foi de algum modo marcante e interessante de se conhecer, pois pudemos verificar que, mesmo de maneira tímida, em nossos primórdios não houve apenas a vontade de explorar, mas sim de desenvolver os habitantes da terra por meio da educação. Essas ações contribuíram para que tanto colonizadores quanto colonizados conhecessem outras culturas, outros modos de vida além dos seus. Todavia, é claro que certas mudanças sempre trazem algum tipo de prejuízo; mas, o ponto a se destacar é a interação entre esses grupos que sobrepujou o simples ato de explorar; ambos aprenderam e ensinaram.

É preciso lembrar, igualmente, que a constatação de que o holandês Conde Maurício de Nassau foi o precursor do apoio à educação, as artes e a cultura, muito antes de D. João, revela um período de nossa história ainda pouco conhecido pelo público.

Diante destes fatos é possível, sim, afirmar que Reforma Protestante alcançou o Brasil colonial e trouxe contribuições à educação deste período com ações inovadoras que mais tarde seriam aplicadas por governos posteriores ao período colonial e que, como se constatou, tem chegado até nossos dias.

Por fim, pode-se dizer que aprofundar a pesquisa sobre as ações dos protestantes no período colonial traz à luz novos conhecimentos sobre sua influência, não somente na educação, mas em outras áreas da sociedade colonial brasileira como, por exemplo, o comércio e a vida familiar.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. *Constituição Histórica da Educação no Brasil*. Curitiba: InterSaber, 2012
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). *A Época Colonial Tomo I – Do Descobrimento a Expansão Territorial*. v.1 4. ed. São Paulo: Dife, 1972
- LEVY, Daniela Tonello. “*Judeus e Marranos no Brasil Holandês – Pioneiros na Colonização de Nova York*” (Século XVII). 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004> Acesso em: 18.fev.2020.
- LINDBERG, Carter. *História da Reforma*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017
- LOBO, Andrea Maria Carneiro; PORTELLA, José Roberto Braga. *Percursos da História Moderna*. 1. Ed. Curitiba: Intersaber, 2017
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986
- MARSHALL, Peter. *Reforma Protestante Uma breve introdução*. 1. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2017

- MOREIRA, Claudia Regina B. S.; MEUCCI, Simone. *História do Brasil Sociedade e Cultura*. 1. Ed. Curitiba: Intersaberes, 2012
- PROBST, Melissa. *História da América da Era Pré-colombiana às Independências*. 1. Ed. Curitiba: Intersaberes, 2016
- SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. *Orientações e dicas para trabalhos acadêmicos*. Curitiba: IbpeX, 2008.
- SCHALKWIJK. Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004
- SILVA, Drance Elias da; LIMA, Wellcherline Miranda. De Lutero aos povos indígenas: movimento protestante no Brasil. *Revista de Teologia e Ciências da Religião Universidade Católica de Pernambuco*. Recife, v. 6, n. 2, p. 379-396, jul./dez. 2016.